

Victor Aquino



1 hora  
e 59 contos-minuto

*instituto*<sup>®</sup>  
*damoda*



1 hora  
e 59 contos-minuto



Victor Aquino

1 hora  
e 59 contos-minuto

2013

**instituto<sup>®</sup>  
damoda**

© Victor Aquino Gomes Correa (2012)

**1 Hora e 59 contos-minuto**

INMOD – Instituto da Moda  
São Paulo SP (Brasil)

ISBN 978-85-87963-65-9

B869 - Literatura - Literatura brasileira – Contos brasileiros

**Presidente do INMOD:** *Dra. Taís Gomes Corrêa*  
**Coordenação de Voluntariado Cultural:** *Vol. Rosa Sampaio*  
**Direção Editorial:** *Rosa Sampaio*  
**Revisão:** *Maria Dolores Viñas*  
**Cover Design:** *Satiko Okawa*  
**Projeto Gráfico:** *Solange Aparecida Neves*  
**Editoração Eletrônica:** *Tarlei Oliveira*

INMOD – Instituto da Moda  
[www.inmod.org.br](http://www.inmod.org.br)

*Sombras efêmeras que somos, não  
percebemos como o tempo é fugaz.*



## **1 hora**

*Um fim de expediente conturbado. Sempre saía às seis. Mas atrasou dez minutos. Gastava doze entre deixar a sala, descer as escadas, caminhar até o estacionamento, entrar no carro, dar partida e alcançar a cancela da saída. Com trânsito normal, fazia o percurso até a residência em quinze minutos. Em horários de pico, cerca de vinte e cinco. Mas nos últimos tempos, com os intermináveis congestionamentos, mais de quarenta. Naquele dia tinha que levar a sogra ao aeroporto. Após um mês, ela voltava para casa, na Europa. Tinha que sair até nove horas, para garantir o check-in antes das dez. Mas o trânsito, pior que o usual, obrigou-o a uma hora de tensão. Ao entrar no apartamento, nem sinal da mulher, da sogra e das malas. A patroa levou a mãe dela de taxi, que tem muito congestionamento hoje, falou a empregada. Pela primeira vez não reclamou do trânsito.*

## ***Arroz queimado***

*A família começou a chegar do trabalho por volta de dezenove horas. A primeira a entrar fora a irmã mais nova, a dois anos da aposentadoria. Depois, a sobrinha solteira. A seguir, o genro. Por último, a filha. Viviam os cinco em um casarão confortável, sem crianças e sem empregada. A mais velha, com mais de setenta, ocupava-se de todo o serviço da casa. Não havia muito que fazer, além de arrumar sala, cozinha e preparar o jantar. Pois cada um zelava pelo próprio espaço. Como todos passavam o dia nos empregos, chegavam apenas para o jantar. A idosa, então, passava os dias a ler. Lia de tudo e comentava. Ai da obra que não gostasse. Se gostava, afundava na leitura. Por essa razão, naquela noite, ao chegarem, todos sentiram cheiro de queimado. O arroz passara do ponto. A reclamação foi geral. A culpa foi do autor, pois o livro é muito bom, justificou.*

## *Tiros na farinha*

*O menino era endiabrado. Os pais nunca conseguiram controlar. Parentes sugeriam tudo. Primo distante, surras com varas de marmeleiro. Tia avó, chá de pimenteira. A madrinha, aulas extras, trabalhos manuais, idioma, judô, coisas que preenchessem toda semana. Até que, no aniversário, um vizinho deu-lhe a espingarda de pressão. Apesar do susto familiar, foi o remédio que ninguém imaginava. Tornou-se um doce. Gastava horas em janela nos fundos da casa, donde se avistava o armazém de uma padaria. A cada chegada de sacos de farinha, praticava tiro ao alvo. Já adulto, confidenciou a um chegado que por desconhecer como as coisas funcionavam no panifício, nunca obtivera o resultado desejado. Pois não sabia da existência da peneira que, sobre a amassadeira, evitava que os projéteis se misturassem à massa, provocando a reclamação dos consumidores.*

## ***Ateu***

*Era ateu, mas falava de religião. Quando os amigos começaram a morrer, comparecia a velórios e missas de sétimo dia. Nunca faltou com respeito à crença dos demais. Mas era ateu. Acompanhou com relativa reverência as cerimônias de casamento dos filhos. Por causa de noras e genros, esteve presente em diferentes igrejas. Também participou de batizados, crismas e primeiras comunhões de netos e filhos de parentes. Continuou, porém, convictamente ateu. No velório da irmã mais velha, uma das filhas da defunta, espírita praticante, sentou-se ao lado dele na câmara ardente. Não houve como evitar o assunto. Depois de dizer agora que parou de sofrer ela está muito bem, não se conteve. Tio, disse ela, sei que o senhor não acredita, mas já pensou, quando chegar sua hora, descobrir-se do outro lado e verificar que existe Deus? Nesse caso também eu ficarei muito bem, arrematou.*

## *A capa do coronel*

*A historiadora era muito respeitada pela isenção. Autora de inúmeras obras sobre vultos nacionais, dedicava-se agora a uma verdadeira lenda da história militar. Trabalho sobre um coronel que comandara implacável perseguição a insurgentes na república velha. Homem voluntarioso, arrojado e valente, diziam. Teria sido a razão do fracasso dos revoltosos, que sem ter como enfrentar o aguerrido e armado combatente, dispersaram-se pela fronteira, fugindo para outro país. A pesquisadora lia tudo sobre o feito. Muitas obras já tinham repassado aquela história. Ela se dedicava agora aos relatórios de próprio punho daquele herói nacional. Foi quando se deparou com um bilhete do dito cujo, endereçado à esposa, em pequeno envelope com letra do destemido combatente. Manda o meu capote ideal, porque perdi o militar no bombardeio, fechava a mensagem.*

## ***Adeus aos túmulos***

*O fazendeiro passava mal. Após um ano de tratamento na cidade, incluindo um mês de hospital, apresentou ligeira melhora. Retornara à fazenda, mas piorou muito nos últimos dias. A mulher contratou ambulância para retornar com ele ao hospital. Além da unidade médica móvel, outros automóveis partem no entardecer bucólico com gente da família, deixando a antiga casa no campo onde sempre residira. Com voz remota, pede a quem o acompanha dentro da viatura para abrir a janelinha ao lado da maca onde está. Quero ver minha terra pela última vez, fala. Balbucia adeus a tudo que vê de onde está deitado. Ao cruzar a porteira da propriedade, ao lado de pequeno cercado cheio de túmulos da família, pronuncia a última despedida. Fala adeus túmulos e morre. O acompanhante, perplexo, coça a cabeça sem entender. Mas agora ele vai para onde, pergunta-se.*

## ***Estatística no necrotério***

*Os dois conversavam na lanchonete. Veja, diz um, o consumo de gordura animal é responsável por mais de quinze por cento de enfartos do miocárdio. Pois é, replica o outro, vida sedentária combinada com má alimentação corresponde a mais de cinquenta por cento das enfermidades cardiorrespiratórias graves. O fumo, então, é o principal algoz da existência, retoma a conversa o primeiro. Então, continua o segundo, quase setenta por cento das mortes por insuficiência coronariana se devem ao tabagismo. Um terceiro personagem, enquanto aguarda outro chope, mete-se na conversa. Sim, tudo bem, as estatísticas, sempre elas, completa. Mas se a gente for agora no necrotério verificar o sapato de cada morto, também vai construir uma estatística de qual cor mata mais, arremata.*

## ***Esmola para cada pobre***

*Aquele senhor tinha muito dinheiro. Mas também tinha uma resistência enorme a atender qualquer pedinte. Sempre se justificava. Acabei de dar um trocado a alguém lá atrás, dizia. O sorriso era tão benevolente, que ninguém se contrariava. Na ajuda aos familiares era a mesma coisa. Até ameaçava dar alguma coisa ao parente necessitado. Mas se arrependia em seguida. Um sobrinho decidiu constrangê-lo em público quando saíam de um restaurante. Passava um esmoleiro, pedindo a esmo algum trocado. Dois acompanhantes oferecem umas notas baixas. Ele nem se mexe. O sobrinho, então, expõe a usura do tio. Mas o senhor tem moedas do troco da conta no bolso, fala para todo mundo ouvir. Por que não deu, indaga. Ora, se eu der uma moeda para cada pobre do mundo, acabarei ficando sem dinheiro e tendo que esmolar também, explica.*

## ***Bicicleta de pobre***

*A costureira terminara duas camisas para cliente da cidade vizinha. Atrasou um pouco e passou da hora do único ônibus entre os dois lugares. Temendo perder o freguês, chama o filho da vizinha, que tem bicicleta. Até iria agora, diz. O problema é que está com pneu furado e estou sem dinheiro para o arrumar, completa. Ela junta uns trocados e dá ao rapaz, que sai para consertar. Retorna para pegar a encomenda. Instruído sobre quanto receber, o mensageiro desaparece pedalando rua afora. Cai a noite e ele não volta. Quase meia noite toca a campainha. Entreguei e ele pagou, começa a dizer. Saindo de lá, a correia rebentou e tive que comprar outra, continua. Fui obrigado a usar parte do dinheiro, arremata. Passa o que sobrou para ela e vai embora sem contar o pior. O garfo tinha rachado e ele fez o resto do percurso a pé.*

## ***Como a vida humana***

*Pela oitava vez, mudou de casa. A filha mais velha, pela terceira vez, separava-se de outro marido. O filho do meio, sem concluir nenhuma, iniciava a quarta faculdade. Aposentado há quase um ano, voltara a trabalhar. Tentara primeiro o taxi, mas aquele trânsito caótico o fizera desistir da nova atividade. Aceitou, então, a oportunidade de auxiliar no escritório do amigo despachante. Não era bem isso que pretendia fazer, mas era melhor que nada. Desde a morte da mulher, vivia apenas com o filho caçula. Tinha a sensação de que nada mais era permanente. Após a última mudança, então, começou a ter certeza disso. Muita coisa continuaria ainda e para sempre dentro das caixas. Pois que ficasse tudo como estava. O provisório dava impressão de ser para sempre. Como a própria vida, inconclusa, transitória.*

## ***Defeitos e virtudes***

*O professor de ética explicava à classe qual era o significado de virtude. Entre citações de autores, dos clássicos aos contemporâneos, continuava a discorrer. Os alunos acompanhavam atentamente sem entender muita coisa. Virtude é uma qualidade moral, dizia. É uma atitude constante que induz o ser humano à prática do bem, continuava. Sócrates ensinava que virtude não pode ser ensinada, pois seria decorrência natural de uma predisposição, ou inspiração do ser humano, assim dissertava, quando começou a tergiversar. Comentou sobre aquela crítica recorrente sobre o filósofo, a propósito de ter abandonado os filhos. Falou também sobre o fato de Sócrates não gostar de tomar banho. Um aluno levanta a mão. Fale, autoriza o mestre. Meu avô sempre diz que uma virtude sempre esconde vários defeitos, agora entendo porquê, conclui o aluno.*

## *Diferença entre um e outro*

*O velhinho detestava gente arrogante. Posso passar sem precisar de nenhum, dizia. Se percebia nas afirmações altivas do interlocutor essa característica, simplesmente virava as costas e deixava o outro a falar sozinho. Era especialista no assunto. Se necessitava de um pintor, pelo modo de explanar preço e serviço, já sabia que devia abortar a conversa. Era assim com tudo, médico, dentista, arrumadeira, garçom, taxista. Precisou reformar a casa. Evitando perder tempo com gente assim, explicou ao primeiro como devia ser a conversa. Há profissionais, disse, que se descobrem úteis ao ser humano aos poucos. Outros, continuou, ainda antes da formatura já pensam que são absolutamente indispensáveis a toda a humanidade. Com estes não quero conversa, arrematou.*

## ***Geometria de dentista***

*A cliente era assídua, pontual e disciplinada. Mas era muito chata. daquelas que estão sempre se lamuriando. O dentista dedicava-se a todos os pacientes com a mesma atenção, perícia e competência. Ouvia todas as lamentações, prestando respeitosa atenção ao que ela dizia. Mas que era aborrecido, isso era. Praticamente já decorara todas as falas dela. Pois já repetira incansavelmente que ainda faltavam dois anos para a aposentadoria, que ela estava cansada, que o apartamento era úmido, que só fizera escolhas erradas na vida, que o destino era insuportável, que não podia mais mudar nada, que estava condenada e assim por diante. O que o senhor acha disso, indagou. Ora, respondeu o dentista, também tenho minha condenação. Veja que passarei o resto da vida neste metro quadrado, ocupando-me de um centímetro cúbico por vez, completou.*

## ***Letra e caneta***

*O estojo já prenunciava o que continha. Mimo cobiçado pelo vidro, objeto importado, valioso, caríssimo. Praticamente uma joia. Era como se fosse. Afinal, estava à venda em fina joalheria. O rapaz refletiu bastante. A compra impunha cortar outras despesas. Sempre passava em frente para admirar o que mais queria. Dessa vez, entra na loja. Posso ajudar, indaga a funcionária. Quero comprar aquela caneta, responde o moço. Com cuidado, ela retira da vitrine a fina mercadoria para exibi-la ao cliente. Já sabe o preço. É para presente, indaga a atendente. Não, é para mim, responde. Coloca, então, o estojo em sofisticada sacola. O rapaz preenche o cheque. A funcionária confere o preenchimento com letra ruim. A seguir, imprime a nota e entrega a compra. Ele parte momentaneamente feliz. Ainda não percebe que a caneta de luxo pouco ajudará a melhorar sua má escrita.*

## ***Bolsos de São Francisco***

*Dona Rica era pobre. Não gostava do nome. Dizia sempre, esse nome só me deu azar. Fez de tudo para prosperar. Nada deu certo. Veio da roça ainda menina. Trabalhou como babá. Quando moça, foi arrumadeira de hotel, ajudante de cozinha em restaurante, faxineira em açougue. Sempre que pôde estudou. Frequentou treinamentos profissionais para costureiras, bordadeiras e overloquistas. Completou a escolaridade em curso supletivo. Quando pôde, com apoio de crédito educativo, ingressou em faculdade particular de pedagogia. Formada, foi admitida por concurso no magistério, afastando-se em seguida por conta dos baixos vencimentos. Continuou a trabalhar em agência bancária. Quando se aposentou abriu confecção, logo fechada por não compensar financeiramente. Já com idade, mudou de opinião. Enriqueci em experiência e visão de mundo, refletiu.*

## *Lugar da boca*

*O adolescente falava demais. A todo instante comentava, dava palpite, criticava, contava verdades e mentiras. Ninguém tinha sossego perto dele. Qualquer coisa era objeto de comentário. Intrrometia-se em tudo. Assistir televisão com ele por perto, então, era praticamente impossível. A família já não tinha o que fazer. Na escola, a professora de geografia sentindo-se sem estrutura para aturar as constantes intervenções fora de hora, pediu para ser substituída. O avô chegou para uma temporada. Nem este escapou da sofreguidão verbal. Falava, falava, falava. Em brevíssimo intervalo, enquanto tomava fôlego para recomeçar, o avô interrompeu o falatório. A boca fica na cabeça, disse o velho. Mas os olhos o nariz e as orelhas também, continuou. Serve para lembrar que antes de dizer qualquer coisa, se possa ver, ouvir e até cheirar mais do que falar, completou.*

## *Um risco sob o sol*

*Na periferia da cidade, antes de iniciar as lições da escola, a menina aparecia na janelinha da parte de cima da casa onde vivia e fazia um largo gesto horizontal com a mão direita. Quem avistasse de longe aquele ponto, diariamente no mesmo horário, enxergaria o gesto. Passava quase ninguém por aquele aglomerado de moradias. Contudo, um padre de paróquia que compreendia também o lugar, havia pouco tempo passava dia sim, dia não, pela rua. Na segunda vez que avistou a menina, intrigou-se. Algum tempo depois, cruzando com ela no ponto de ônibus, quis saber o que era aquilo. Provavelmente um aceno místico que aprendera com alguém. Que nada, disse a pequena. Apenas faço outro horizonte, excluindo as chaminés da fábrica, que são muito feias, continuou. Assim, quando olho pela janela só vejo o sol e meu horizonte.*

## *Espelhos*

*Por que será que as pessoas gostam tanto de espelho, indagava-se o artesão. Estabelecido em boa rua de comércio, produzia no endereço mobiliário para decoração. Aprendera o ofício com o pai, de quem herdara o negócio. De todos os cantos chegavam clientes em busca de peças que tornassem cantos e recantos especiais. Sem contar o verdadeiro exército de decoradores que diariamente submetiam projetos por encomenda. O que mais se buscava em sua fabriqueta eram as peças ornadas com espelhos. Portas, portinhas, portinholas, quadros, tudo com espelho. A cliente gorda, finamente arrumada, escolheu a peça mais cara. Pagou à vista. O motorista dela colocou a peça com cuidado no porta-malas. Saiu toda faceira com a compra. O que cada um enxerga dentro do espelho, pensou enquanto a olhava pelas costas, nem sempre é o que os outros veem fora dele.*

## ***Acordar cedo demais***

*Não tem sentido, pensa. O que mais sinto é sono, continua. Cinco e meia da manhã em ponto, a enfermeira entra e ilumina o quarto. Embora percebendo sua contrariedade, dissimula um bom dia protocolar. Qual será a razão de acordar a esta hora em hospital, pergunta-se. Terceiro dia. Já não finge educação. Escuta aqui, dona Natália, diz. Seu nome é Natália, pelo menos é o que parece que está escrito no crachá, continua. A mulher volta-se para ele da porta, quando já está para sair. Sim, é Natália, responde. O senhor precisa de alguma coisa, indaga. Sim, disse, quero saber a razão de ser acordado tão cedo. Ela tenta explicar que logo se inicia a visita do médico aos pacientes. Mas ele a interrompe. Não adianta acordar tão cedo para fazer qualquer coisa, se depois vai sobrar o dia inteiro para fazer nada, conclui.*

## *Tempo para tudo*

*A expressão é bastante antiga. Já foi muito usada. Quem gosta de literatura sagrada encontra-a na Bíblia ou no Corão. Mas está também em escritos orientais antigos. A senhora de idade, ao pensar no texto, pensava na família. Os antigos desaparecendo, os jovens crescendo. Lei da vida. O problema era a pressa dos jovens. Lembrou-se da frase. Lugar comum, ou não, sempre repete que há um tempo para plantar e um tempo para colher, um tempo para nascer e um tempo para morrer. Um tempo. Questão a ser entendida. Questão que envolve essa pressa, essa necessidade de superação do tempo, quando ninguém mais quer perder um só minuto, na vida, no trânsito, nos fazeres. Lembrou-se da mãe dela em outro tempo, em outro século. Ah, se tivesse vivido para ver esta época, pensou. Lembrou o que ela dizia, quando a velocidade conhecida era outra. Quem tem pressa anda devagar, recordou.*

## ***Cartão de fidelidade***

*O homem estava com muita dor de dente. Passava de meia noite. Sem encontrar pronto socorro odontológico, foi à farmácia. Em avenida próxima havia uma aberta vinte e quatro horas. Parte de imensa rede nacional, enorme, iluminadíssima, estava cheia de funcionários e, apesar do horário, também repleta de fregueses. No balcão explica a necessidade do analgésico. Rapidamente o atendente oferece o medicamento. No caixa há fila. Quando chega sua vez, a funcionária efetua a leitura ótica do valor a pagar e indaga se ele tem cartão de fidelidade da farmácia. Não tem. O senhor não quer aproveitar e fazer cadastro agora, insiste ela. Não quer. Mas o cartão lhe dá descontos e prêmios, continua. O rosto inchado, a boca doendo e o sono roubam-lhe o humor. Já não sou fiel nem a minha mulher, também não serei à farmácia, diz.*

## ***Reitores e estações de trem***

*Mais um ano. Outra greve. Universidades, local de exercício pleno da inteligência, transformam-se em espaços de afrontamento. Professora com anos de pesquisas e publicações, reverenciada internacionalmente, à beira da aposentadoria compulsória, não conseguia entender a lógica dessa discussão interminável sobre salário, condições de trabalho e qualidade de ensino. Lógica que conduziu a uma greve de três, quatro meses. De quem é a culpa, indagava-se. Ao ler o último panfleto, com acusações de autoritarismo e intolerância à administração central de uma das melhores universidades do país, teve dificuldade de lembrar o nome do mandatário em exercício, não citado no panfleto. Em uma assembleia, mais tarde, falou que reitores são como paisagens apreciadas durante a viagem, de dentro do trem. Depois que passam, só se consegue lembrar das melhores.*

## *Loucos e picaretas*

*O sócio mais velho discutia com o mais moço. Nesta empresa não há lugar para uma barbaridade dessas, falou. Pois se trata de grossa picaretagem, continuou. Vou telefonar agora mesmo para o jornal e acabar com isso, esbravejou. O mais jovem, vermelho de raiva e vergonha, só conseguiu articular minimamente, em voz quase inaudível, a única frase que pode dizer. Não faça isso que você vai passar por louco, disse, pois afinal você também é dono disso aqui. Conseguindo um pouco mais de fôlego, foi em frente. Imagina, você dizer para o jornal que a sua empresa tem um contrato irregular com a prefeitura, finalizou. Pois fica você sabendo que até posso ser louco, como você é picareta, quase gritou. Porque esta empresa pode ter lugar para um louco e um picareta, ou dois loucos, só não tem lugar para dois picaretas, encerrou.*

## ***Criatividade***

*O que mais se ouve ultimamente é a palavra criatividade. A religiosa de antiga e conservadora ordem católica, ainda envergando o velho hábito preto, na sala de leitura de sua comunidade pesquisava palavras que se tornam moda e começam a ser repetidas sem parar. Criatividade parece estar associada à novidade. Mas parece também que tem a ver com uma necessidade de transformação. Está arraigada à condição humana de criar, de transformar, de evoluir. Mais ou menos o que pensava em transmitir às alunas de filosofia, no colégio tradicional mantido pela ordem religiosa, bem frequentado por moças de famílias proeminentes. Tudo isso em pleno século vinte e um. A freira refletiu longamente sobre essa circunstância. Ordem antiga, velhos hábitos, conservadorismo, inovação. Esteve a pensar no que combinava e no que não combinava com tudo aquilo.*

## ***Meia e sapato***

*É tudo uma questão de prioridade, pensou o engenheiro de trânsito. Acabara de ganhar uma promoção. Funcionário antigo em repartição pública lotada de especialistas em diferentes áreas, sentia-se um pouco frustrado de quase não conseguir resultados razoáveis. Como todos, percebia ser improvável a articulação entre o que podia ser feito e o que pretendiam os mandatários políticos da cidade. O trânsito caótico em alguns horários comprovava essa frustração. De nada adiantam as faixas exclusivas, os limites de velocidade, a alternância de circulação dos veículos, os projetos para disciplinar o tráfego de motocicletas, pensava, se não se abandonar a ideia de utilizar coisas sérias, como o trânsito, para apenas fazer propaganda política. Afrouxar, por política, algumas medidas, sem rever o conjunto, é como usar meia folgada com sapato apertado, pensou.*

## *Mães e sogras*

*Aquela senhora queria muito saber porque ninguém respeitar a sogra como respeita a mãe. Bem verdade, pensou, nem mesmo a mãe escapa, quando se trata da mãe dos outros. Lembrou que a pior ofensa está sempre associada à figura da mãe do ofendido. Não há um palavrão, ou expressão de baixo calão, que se refira à sogra. Ainda bem, refletiu. Mas era triste perceber que, seja pelo que for, até por brincadeira, genros nunca demonstram o devido respeito. Afinal, que fizera ela para merecer semelhante tratamento, indagou-se tristemente. Apesar das brincadeiras de mau gosto, da irreverência constante e dessa aparente falta de respeito dos genros, nunca tinha brigado com nenhum deles. Mas o motivo da mágoa não eram os genros. Era o próprio filho solteiro. Após discutir com ela por causa da namorada, ouvira-o dizer a esta, te prepara, vai ser tua sogra.*

## *Metade de zero*

*A viúva era arrimo de família. Desde a morte do marido, cumpria religioso expediente diário, vendendo balas e doces na lojinha que ele deixara. Com a renda dali, tinha criado a filha praticamente sozinha. Agora ajudava a criar a neta. Garantia a subsistência da casa, pagava as contas do negócio e fazia pedidos orientada visualmente pela altura do estoque nas prateleiras. O único sobressalto era desencadeado pela proximidade da data de validade das mercadorias. Foi quando apareceu um camêlo que, sabendo daquele contratempo, começou a arrematar tudo que estava por vencer a preço de quase nada. Inconformada, a filha reclamou. Aprende uma coisa, disse a mãe, passando a validade perde-se tudo. Além do mais, continuou, metade de zero é zero e o dobro também.*

## *Viver e sobreviver*

*Quase na hora de fechar, o açougueiro é surpreendido pelo ronco de uma motocicleta do outro lado do balcão. Quem vinha atrás pula em sua frente, com uma arma na mão. Entrega o dinheiro, grita. Não vacila, passa todo dinheiro para cá, ou te queimo, continua a vociferar. Lívido, retira todas as cédulas da registradora. Percebe que há apenas sessenta e oito reais. Enquanto passa o dinheiro, enxerga o outro sobre a moto, sempre a funcionar, igualmente com uma arma na mão. Tremendo, entrega o que recolheu na registradora, imaginando levar um tiro por quantia tão pequena. Mas não é isto que acontece. O rapaz sobe na moto. O outro manobra e partem em disparada. Vizinho de loja que percebera a ocorrência é o primeiro a entrar. Ainda muito nervoso, o açougueiro relata o fato. Viver está cada vez mais difícil, comenta. Não. Sobreviver é que não está sendo fácil, diz o vizinho.*

## ***O preço da paisagem***

*Na família ninguém gostava do homem. Preconceituoso, presunçoso, vaidoso, ganancioso, egocêntrico, arrogante. Tinha habilidade nenhuma em relacionamentos fora dos negócios. Por essa razão não segurara o casamento. Abandonou mulher e filho pequeno sem assumir responsabilidades. Entendia que manter, ao menos o menino, era prejuízo financeiro. Simplesmente foi embora. Quando intimado judicialmente embromou o que pode. O tempo foi passando e nunca nada se resolveu. Envelheceu. Perdeu quase tudo. Ficou quase pobre. Vivendo só e sem amigos, não conhecia ninguém. Sem outro assunto, apenas calculava juros e hipotéticos dividendos. Uma madrugada, na feira, o sol vinha nascendo sobre o casario da periferia onde passara a viver. Um feirante comentou a beleza do arrebol. Olhou demoradamente e comentou que o preço do metro quadrado naquela área merecia ser revisito.*

## ***Burrice e teimosia***

*O pai passou a vida explicando a necessidade de apurar a inteligência. Ser inteligente, dizia, é uma necessidade. Falava que errar é humano, mas também é referência para não errar de novo. Aprender com os próprios erros é sinal de inteligência. O filho, ainda pequeno, ouvia sem entender muito bem. Cresceu ouvindo. Aos poucos, porém, foi entendendo o que ouvia. Sobretudo, que se deve perseguir a inteligência. Que se deve evitar a burrice, que é negação da inteligência. Se errava, o pai corrigia, aconselhava, dizia o que fazer para não errar mais. Quando começou a repetir os mesmos erros na juventude, o pai se irritou. Você não aprendeu nada, está trocando a inteligência pela burrice, falou. Lembra que a pior forma de burrice é insistência no mesmo erro, completou.*

## ***Sintoma da idade***

*Aquela senhora irritava-se com qualquer coisa. No supermercado impacientava-se com a demora de quem passava as compras no caixa. Um simples jogo de loteria era motivo de reclamação. Na feira era pura intolerância com quem ia à frente. Em família já não suportava conversar com parentes. Quem mais penava era a empregada. Morava sozinha. Nunca casara. Mas continuava a arrumar-se muito bem. Ainda chamava atenção. Mulher madura que continuava bonita. Dia de pagamento, passou no banco para pagar contas. Agência cheia. Muitos aposentados. Entrou na fila do atendimento preferencial. Começou a murmurar contra a lentidão dos idosos. Quando chegou a vez dela, dois senhores que tinham percebido o que dizia não se contiveram. O mais experiente foi ao ponto. Quando se começa a reclamar de velho é porque já se ficou velho também e se está revoltado com isso, disse.*

## ***Coelhos e tartarugas***

*Quando entrou na faculdade ainda era comum, em famílias mais simples, ver o primeiro filho que ia para frente. Pai, mãe, avós e os ancestrais jamais estudaram muito. Muitos nunca tiveram qualquer educação. Ele escrevia cartas que a avó ditava, porque era analfabeta. Mesmo assim, percebeu o risco que corria. Ser o primeiro naquela condição, mesmo driblando a euforia do progenitor, transformava-o em alvo de exigências, expectativas ou esperanças que talvez não pudesse atender. Estava certo disso. Assim, quando trançou a matrícula em engenharia, sem condições de acompanhar as aulas, trocando pelo curso de ciências sociais, foi categoricamente desaprovado pelo pai e pela mãe. Você andarรก muito devagar na vida com esse diploma, disse o pai. Quem o defendeu foi o avó. Mais vale uma tartaruga andando, do que um coelho no forno, disse o velho.*

## ***A idade das damas***

*Indagar a idade de uma senhora está convencionado como grosseria. Não fazer essa pergunta integra um sem número de regras fundamentais da etiqueta social. É muito feio querer saber a idade a uma dama. É falta de educação. Assim, ninguém pergunta. Mas os tempos mudaram. As convenções também. Agência bancária lotada em dia de pagamento. Senhora muito bem vestida e maquiada, verificando a interminável fila para o caixa, percebe que no atendimento preferencial há bem menos clientes. Escolhe essa opção. Uma das quatro pessoas que chegam depois dela, verificando que não porta qualquer necessidade especial, nem se encaixa nesse padrão de atendimento, toca-lhe gentilmente as costas. Quantos anos a senhora tem, indaga para todos ouvirem. O senhor é um grosso, não se pergunta a idade de uma dama, responde ofendida, retirando-se da fila.*

## ***O melhor barbeiro***

*Aquele senhor voltava para casa no último banco do ônibus. Dava para ver que estava contrariado. Fora ao centro da cidade cortar o cabelo. Encontrara o salão, mas não o profissional que sempre o atendia. Era visível o estrago. Um lado mais curto que outro. O corte irregular sobre a cabeça denunciava total imperícia. A certa altura embarca o vizinho de frente. Senta-se ao lado. Toma indevida liberdade. Vejo que estragaram teu visual, diz. Antes que pudesse responder, outro senhor que já estava no coletivo e reparara no fato, intromete-se. O senhor me desculpe, mas está cada vez mais difícil, desde que as barbearias deram lugar a esses salões de cabeleireiro. Um terceiro, no banco da frente, vira-se e completa o caso. Barbeiro bom é aquele que a gente chega em casa e não lembra dele, olha no espelho e não fica com raiva, mas sempre corta com ele.*

## *Serventia do prego*

*O chefe tentava estimular o trabalho em equipe. Aquele depósito de material de construção contava com muitos funcionários, que apenas cuidavam do que tinham sido encarregados. Quem se ocupava de areia, cimento, telha e tijolo, entendia nada de madeira. Havia os que só dominavam as tintas. Outros as louças e metais para banheiro. Era difícil integrar uns aos outros, fazendo com que cada qual atuasse também em mais áreas. Todos vocês são importantes, dizia, mas precisam entender que é necessário trabalhar em conjunto. Pois trabalhar em conjunto, continuava, é muito mais que simples ajuda, é parte de um processo que somente se completa com o trabalho de todos. Ouviam-no sem entender direito. Cada um tem uma finalidade, como o prego tem a finalidade de pregar, insistiu. Mas até o prego precisa que um martelo o ajude a cumprir essa finalidade, completou.*

## ***Arrogância e hipocrisia***

*Nada é pior que combinar arrogância com hipocrisia. Arrogância aniquila qualidades, por menos evidência que tenham. Modo de ser que induz alguém supor-se acima do juízo dos demais. De quem opina sem contestação. Hipocrisia é dissimulação da arrogância. Torna imperceptível a capacidade de julgar. Transforma tolerância e generosidade em disfarce. Pessoa assim é perigosa. Na combinação desses atributos ganha mais um sem perceber: a burrice crônica dos néscios. Burrice é falta de inteligência. Principalmente para perceber que opinar e discutir, respeitando a reciprocidade de ideias, é próprio dos seres humanos. Negar essa condição e dissimular o contrário é puro fingimento. Porque uma pessoa fingida nunca será reconhecida além daquilo que nunca foi. Apenas aquilo que se esforçou para que os outros conhecessem dela.*

## ***Chuvas e goteiras***

*Chegar ao casarão em dias de chuva era experiência inesquecível. O velho abria a porta e dizia, entre logo para não se molhar. A partir daí, quem entrasse se surpreendia com a visão interior. Em todos os cômodos era a mesma coisa. Centenas de baldes, latas, panelas e latões sob infinitas goteiras. Um cheiro de mofo completava a realidade de um lugar que não secara completamente entre as últimas chuvas. Quase se necessitava de guarda-chuva para andar pela casa. Vamos à cozinha tomar um café quentinho, dizia o velho. Cuide para não escorregar nessa poça d'água, completava. Dava para ver porque em dias de chuva a cozinha transformava-se em sala de estar. Tinha bem menos goteiras. Um dia confidenciou ao amigo mais próximo. Com chuva não se pode consertar porque a gente se molha. Depois que chuva passa a gente não necessita mais consertar.*

## ***Cerimonial***

*Criança impossível. Menina quase insuportável. Queria saber tudo. Após qualquer resposta, fazia outra pergunta. Depois outra e mais outra. Verdadeira chatice conversar com ela por perto. Nem o leiteiro escapava. Moço, por que o leite é branco? Dava canseira em toda família. Tia, por que a chuva é de água? Mamãe, por que a gente tem que comer no prato? Papai, por que o sol só aparece de dia? E assim cresceu. Com o tempo, as indagações começaram a ficar mais difíceis. Por que tem mais gente pobre do que rica no mundo? Por que tem tanto programa de pastor na televisão? Por que os carros atropelam as pessoas se tem limite de velocidade? Até que entrou na faculdade para cursar relações públicas. Na primeira aula de cerimonial o professor falava sobre protocolo e precedência. Levantou a mão. Professor, mas todo mundo não é igual perante a Lei?*

## *A mesa*

*Era decorador de interiores. Reorganizava tudo sob encomenda. Cobrava os tubos. Uma estirpe de endinheirados elegantes, que corria atrás do bom gosto sob encomenda, não lhe dava sossego. Entendia demais o que nunca estudara na faculdade. Tinha faro privilegiado para excentricidades. Sabia onde encontrar peças raras. Detestava coisas velhas. Tudo tinha que ter classe. Foi procurando mobiliário diferente que se deparou com uma mesa de vidro e mármore. Nem na Grécia clássica terá existido coisa igual, pensou. Não era o que procurava para o cliente. Mas foi o que adquiriu para si. Modelo especial, produzido por encomenda, tampo de cristal grossíssimo, suporte em fina imitação de Carrara. Depois disso a vida viraria um inferno. Ninguém ousasse encostar. Terminou os dias admirando o móvel bem longe dele. Até as refeições eram feitas na cozinha, para não macular a peça.*

## *Furto das ciganas*

*O delegado de polícia era novo na cidadezinha. Residia nos fundos da própria repartição. Foi acordado em um domingo, bem cedo, pelo investigador de plantão. Doutor, disse ele, tem aí duas ciganas que insistem em falar pessoalmente. Mal humorado, sem café, pijama por baixo da roupa, cabelo por pentear, dirigiu-se à parte da frente da casa, onde as duas mulheres em trajes típicos o aguardavam para relatar a ocorrência. Nem bom dia, nem amabilidades. Apenas um pois não. A mais velha delas começou a falar sôfrega. Doutor entraram em nossa barraca e roubaram as joias de família. Suspeitam de alguém do grupo? Não suspeitavam. Juravam que era ninguém dali, onde só vivia gente de bem. Tinham lido a sorte e verificado. Não fora ninguém de lá. A autoridade perdeu a paciência. Se sabem que é assim, por que não leem uma a mão da outra e descobrem quem foi. Daí me avisam que mando prender.*

## ***Acordo ortográfico***

*Os dois cabeleireiros e a manicure tinham rompido o contrato com a dona do salão onde trabalhavam e agora montavam empresa própria. Encontraram imóvel adequado em bairro bom e, preparando o contrato social, escolhiam nome para o negócio. Gosto de Estetic e Desáin Cabeleireiros, disse um deles, escrevendo sua sugestão. Mas não é assim que escreve, disse o outro, corrigindo no papel, Stéticos. A moça também não tinha grande instrução, mas gostava de ler. Intuitivamente percebeu que ninguém acertara qualquer grafia. Não seria melhor Show Cabeleireiros, indagou. O primeiro, que já trabalhara para funcionária de um consulado europeu, mudou de ideia. Acho melhor um nome francês, que tem mais a ver com moda, disse, convencendo os demais. Tudo deu certo. Um ano depois, manifestaram pretensão de compra do imóvel. Um corretor apareceu quando fechavam o expediente. Leu o luminoso e entrou. Procuro o Senhor Bosárt, disse.*

## *Fenômeno*

*O catador de papel circulava com aquele meio de transporte que já fora uma carroça tracionada por equino. Diariamente era visto nas imediações coletando material reciclável. Morador de rua, administrava as carências com visível entusiasmo. Puxava conversa. Não havendo reciprocidade, seguia adiante. Dependendo da atenção, iniciava papo. O dia estava muito quente. Era quase insuportável permanecer longe da sombra. Estacionou sob árvore frondosa no canteiro central da avenida, próximo a um semáforo. Cada carro que parava provocava assunto. Alguns, em instantes, trocavam ideia sobre o clima. Um dos motoristas falou em el niño. Que é isso? Não entendeu. Outro explicou que era um fenômeno climático. Fenômeno? À tardinha ele próprio explicava que é coisa complicada, de explicação muito complicada, que é mais complicado ainda de se entender.*

## ***Mamãe não quer mais Gugu***

*O menininho acabara de completar dois anos. Não se comunicava muito bem. Querendo alguma coisa e demorando a ser atendido, gritava irritado com o atônito interlocutor. A mãe começava a se preocupar. Imaginava algum problema de fala. Enérgica, era firme quando ele gritava. Forçava-o a uma paciência que, nos pequeninos, é sempre improvável. Começou a buscar informações sobre o que ela imaginava ser problema grave. Encontrou nada de substancial. Todos deram palpite. Não se preocupe, disse um tio, em momento de crise ele falará. Ninguém entendeu. Quando os pais quiseram ir a uma festa, decidiu-se que ele devia ficar com os avós. Primeira vez. Vai chorar, preconizaram. Não vai ficar, disseram. Ficou. Não chorou. Divertiu-se. Alimentou-se. Adormeceu. Ao acordar pela manhã, olhou sério o avô. Mamãe não quer mais Gugu, falou.*

## *Drive in*

*A menininha tinha de cinco para seis anos quando a família foi morar em andar alto de prédio construído em má localização. Colado à beira de avenida de pouco movimento e iluminação precária, a partir de determinada hora oferecia visão privilegiada da abordagem a prostitutas e travestis. Piorando as coisas, um imenso terreno baldio ao lado do condomínio fora transformado em movimentado drive-in. A cada dia, ao chegar da escolinha, ora em companhia do pai, ora da mãe, que se entretinham em preparar banho e jantar, a menininha corria para a sacada e ficava absorta pelo movimento. Até o dia de indagar. Papai, perguntou, que é que é ali que entra um monte de carro? Ora, é um estacionamento, respondeu o pai, tentando naturalidade. Ela continuou a observar. No dia seguinte, nova indagação. Papai, por que as pessoas nesse estacionamento não saem de dentro dos carros?*

## ***Vigia noturno***

*Patrão rigoroso, não tolerava liberdades. Proprietário de armazém de suprimentos mantinha empregados que trabalhavam muito e conversavam pouco. Permanecia no lugar até muito tarde diariamente. Sempre conferindo notas, fazendo contas. Depois das deztoito horas ficava acompanhado apenas do vigia. Certa noite, por volta de vinte e três horas, avisa que está saindo. O vigia abre o portão e ele passa. Boa noite, fala o empregado. Boa noite, ele responde. Bom descanso, diz o vigia. Obrigado, igualmente, responde. Ao chegar em casa percebe que deixara a carteira no armazém. Volta imediatamente. O vigia não atende a campainha. Usa a própria chave e abre a porta. Flagra o empregado dormindo. Como foi dormir, grita. O empregado explica a razão do sono. Eu falei bom descanso e o senhor disse igualmente, justificou-se.*

## *Inveja e vaidade*

*Duas vezes o bispo fora citado provável cardeal. Um das vezes no Vaticano percebeu a distinção de tratamento não usual. Quase acreditou na possibilidade. Mas os anos passaram e nada aconteceu. A idade aumentou, as missivas importantes rarearam e ele foi amargando o ostracismo. Continuava à frente de diocese importante, claro. Mas havia os que não o apreciavam, dentro e fora da Igreja. Antes das dores físicas aumentarem, teve ocasião de ver aquele padre jovem, carreirista, o maior dos desafetos, ser sagrado bispo e alçado a importante congregação romana. Cheio de rancores, filosofou. Inveja e vaidade, definitivamente, não são pecados. São virtudes que movem o mundo. Querer ter o que é dos outros é sinal de esper-teza. Sentir-se mais do que se é indica inteligência. São duas condições para ascensão política e social. Inclusive na Igreja, pensou.*

## ***Propaganda***

*Dono de agência de propaganda e líder empresarial no setor, acabara de falar em congresso nacional de agências, exaltando a área. Na longa intervenção muito bem preparada, discorrera sobre percentuais de desenvolvimento que, no PIB, segundo ele, corresponderiam à ação inteligente da propaganda. Muito aplaudido, foi imediatamente questionado por uma jornalista presente. Que o senhor tem a dizer, perguntou, sobre a publicidade de medicamentos, explicando a natureza da indagação. Antes você ia à costureira e pedia uma blusa com modelo e detalhes que queria, começou. Quando aparecia em público com a roupa, percebia as críticas. A culpa era da costureira, perguntou irritado, ou de quem mandou fazer a roupa daquela maneira. Mas o senhor não acha, ia ela continuar. Não acho nada. Pergunte aos donos de laboratório, encerrou.*

## ***Dona Rica***

*Dona Rica era pobre. Não gostava do nome. Dizia sempre, esse nome só me deu azar. Fez de tudo para prosperar. Nada deu certo. Veio da roça ainda menina. Trabalhou como babá. Quando moça, foi arrumadeira de hotel, ajudante de cozinha em restaurante, faxineira em açougue. Sempre que pode estudou. Frequentou treinamentos profissionais para costureiras, bordadeiras e overloquistas. Completou a escolaridade em curso supletivo. Quando pode, com apoio de crédito educativo, ingressou em faculdade particular de pedagogia. Formada, foi admitida por concurso no magistério, afastando-se em seguida por conta dos baixos vencimentos. Continuou a trabalhar em agência bancária. Quando se aposentou abriu confecção, logo fechada por não compensar financeiramente. Já com idade, mudou de opinião. Enriqueci em experiência e visão de mundo, refletiu.*

## ***Funerária Boa Morte***

*O proprietário da casa funerária estava lívido. Um engraçadinho qualquer, representando uma organização não governamental, constituída para defender os interesses de pessoas que se sentem ultrajadas pelas tabuletas de negócio, representara contra o nome da funerária no ministério público. O homem deixou de atender a um cliente em busca de serviços para familiar desaparecido naquela data, justamente para ler a intimação. No documento recebido, além da data e horário para comparecer na promotoria, pode ler a súmula do arrazoado da reclamação. Sob aspas e bem grifado, deparou-se com o texto que argumentava contra o nome do negócio, Funerária Boa Morte, porque nenhuma morte é boa. Não podendo essa designação iludir o futuro e pretendo consumidor, de que, contratado os serviços nessa empresa, quando usuário dela se sentirá bem. Pois ninguém se sente bem na morte.*

## *Pecadores que se danem*

*A televisão trouxe para dentro de todos os domicílios, ainda que por raríssimos instantes entre uma zapeada e outra, o fenómeno dessa incrível explosão religiosa. Não apenas das igrejas pentecostais, mas o próprio nervo exposto da religião tradicional, que agora se disputa minoritariamente nos horários de bênçãos, glórias e pregações. Não apenas padres cantores e padres artistas, mas os padres pentecostais. O momento histórico é bom para rever o que há de estranho em tudo isso, a começar pelo polegar de alguns pastores que parecem imitar uns aos outros por alguma razão. Pastores e bispos. Bispo, aliás, é muito pouco. Há também os apóstolos, colados que vivem com o santíssimo, com o criador, com aquele que por sinal é o responsável por toda essa inquietação midiática. Nem importa quando gigantescas manifestações atrapalham a vida da maioria dos comuns mortais tão cheios de pecado.*

## ***Bola pro mato***

*Nascido no lugar, o menino crescera por ali jogando bola com os amigos. Depois da formatura em direito, embora não precisasse trabalhar, regressara para montar pequeno escritório na cidade. Descendia de importante família de pecuaristas. Seguindo os passos do avô em partido político conservador, não tardou a eleger-se vereador. Cumpriu meio mandato na câmara local. Depois de passar quatro anos na assembleia estadual, já estava na câmara dos deputados, integrando a bancada ruralista. A cada recesso, partia cidade natal, onde era visto jogando peladas com os contemporâneos. Muito nervoso, nunca podia perder. Se acontecesse, chutava a bola para bem longe. Sem bola, o jogo acabava. Prática que realizava no plenário, quando o encaminhamento de qualquer questão confrontava interesses que defendia. A última grande vítima dessa estratégia terá sido o código florestal.*

## *Dona Perpétua*

*Era uma secretária muito ativa. Estava na corretora há muito tempo. Mas parecia não combinar muito com o lugar. Aparentava mais de setenta anos. Um pouco arqueada, andava trôpega e mantinha os cabelos brancos armados em coque. O escritório, a menos de um quarteirão da bolsa de valores, compreendia finos espaços para a diretoria e baias em vidro fumê, onde operavam vistosos jovens bem vestidos. O novo presidente, bisneto do fundador da casa, acabava de suceder ao pai. Na transmissão, antes do pequeno coquetel, último dia naquele gabinete, o pai repetia condições ao novo presidente. Daqui para frente tudo é teu, asseverava. Podes fazer e desfazer, contratar e demitir, continuava. Menos dona Perpétua, que começou a trabalhar aqui com teu avô, finalizou.*

## ***Contraparente do general***

*O sapateiro vivia nos fundos do canil. Todo dia, chegava em casa alegrando-se com o próprio vira-lata. Embora na corrente o dia inteiro, era tratado como filho. O cão do pobre nunca supôs haver rações de paladares nobres. Bastava-se com restos do jantar do dono. Estava onde cumpria o destino, até chegar ao canil uma capa preta puro sangue de um general. O sapateiro retornava à casa quando ouviu a preleção do militar ao veterinário. Deve ficar aqui até o fim do cio, esbravejava. Pois ainda não dispunha de puro sangue para cruzar. Pela primeira vez o cão sem raça se agitou. Atraído ao imóvel da frente, à noite livrou-se da corrente e, ninguém sabe como, cobriu a cadela do militar. Após a ninhada de orelhas tortas, dos constrangimentos no canil, o sapateiro era o único contente. Feliz por tornar-se contraparente do general.*

## ***Sogra e cunhado***

*Mal visto, reclamava de todo mundo. Aposentado por invalidez antes dos quarenta, passava o tempo falando mal dos outros. Criticava irmãos, cunhadas, primos, sobrinhos. Ninguém prestava. Uns não sabiam criar os filhos. Outros gastavam muito. Outros iam demais à igreja. Outros não iam. Todos o temiam. Menos a sogra e um cunhado. A sogra, que nunca aprovara o casamento da filha com um desequilibrado, não gostava dele e pronto. O cunhado sabia dos podres. Principalmente a fraude da aposentadoria. Mas não tinha coragem de falar para ninguém. Confidenciou para a mãe que, no devido tempo, encontrou a autoridade certa e relatou o fato. Assim, depois da investigação, do processo e do julgamento, amargou sentença de alguns anos na cadeia. Falava para outros detentos que cunhado pelas costas, ou sogra pela frente, é o maior mal da gente.*

## *Sermão português*

*O templo mais antigo da sé de Braga, cheio de pias histórias e problemas estruturais, ainda a aguardar parte das verbas que solucionem parte dos problemas. O tempo continua a andar. Os domingos não param de chegar e os fiéis não param de partir. Um desalento que leva até os religiosos não quererem mais aí permanecer. Apenas o cura idoso, que não tem para onde ir, ainda insiste ficar. Incauto turista, domingo pela manhã, entra na velha igreja. Antes de observar o interior, olha em direção ao que imagina ser uma reunião. Percebe pequeno grupo de mulheres idosas, à frente de religioso também velho. Oito mulheres e um padre paramentado. Não quer crer no que vê. Missa dominical para oito mulheres de idade. Ouve um trecho do sermão. Se o marido as trai é porque não obtém no lar o que acaba a encontrar fora da casa, vocífera o oficiante.*

## ***Maionese***

*Passara por experiências alimentares terríveis. Na mocidade, em festa de casamento no interior, serviu-se de uma salada de maionese. Fora preparada de véspera em tachos de cobre para a multidão de convidados. Sorte ter ingerido pouquíssimo. Em época de desinformação sobre boas práticas alimentares assim e longe de assistência, além de passar muito mal, viu dois parentes morrerem por intoxicação alimentar. Depois, em tempos de industrialização, ficaria mal de novo com maionese de supermercado. Nunca mais quis saber de nada preparado com ela. Já idoso, mas ainda embrutecido por esses sustos, comparece a jantar em casa da sogra do filho. Deixe-me fazer seu prato, diz a senhora. Gosta disso, gosta daquilo, posso colocar um pouquinho, ela vai indagando. Por último, pergunta se ele aceita salada de maionese. Não, senhora, que isto para mim é merda, responde secamente.*

## *Falta de imaginação*

*É como acordar em outro tempo e lugar, pensou a professora. Há pouco tudo era diferente, continuou. Como está difícil de entender o mundo, refletiu, fechando o livro para dormir. Chateava-se com o caldeirão das coisas, as que são legais e as que, não sendo, são como se fossem. Já não sabia mais agir. A cada dia, expressões novas com palavras de sempre, repetem inclusão social, ações afirmativas, orientação sexual, consciência política, responsabilidade empresarial, politicamente correto. Há quem não queria que se cante atirei um pau no gato. Ou que a rosa morra despedaçada. Tampouco que Emília repita o que o autor deixou escrito. Tem tanta gente louca no mundo, pensou quase dormindo. Tem bandido que usa de força e violência para assaltar. Tem essa gente que quer ensinar à força como o mundo deve ser. Nenhuma imaginação. Adormeceu.*

## ***Proibido fumar***

*Direito é direito, dizia o velhinho. Cada um tem o direito de viver e morrer como quer. O interlocutor já manifestava impaciência. Por que, então, o senhor não vai fumar longe das pessoas, indagou para ele. Mas eu não fumo, respondeu irritado. Então o senhor está reclamando do quê, voltou a perguntar. Estou reclamando, falou o idoso, de que na minha idade, a toda hora eu sou obrigado a ver um monte de gente com pouca idade, como o senhor, tentando me fazer acreditar que agora sim o mundo ficou melhor. Porque tem gente que acha que tudo que foi criado e inventado agora, inclusive as leis, vão salvar o mundo. Sou obrigado a ouvir que agora, sim, o mundo é melhor só porque tem gente reinventando tudo. Sem perceber que até minha geração essas coisas não incomodavam, simplesmente porque não havia os problemas criados por sua geração. Como o aumento do consumo de cigarros. Entendeu?*

## ***O espetáculo inicia-se***

*Informamos que o espetáculo inicia-se instantes após o início da sessão, lia-se na frase da primeira linha do ingresso para o cinema. O turista brasileiro não entende muito bem o que aquilo quer dizer. Sabe também que indagar qualquer um do lugar resultará em nada. Entrou no cinema, sentou-se na poltrona marcada e logo estava assistindo ao filme. Entendeu em parte que a frase era um aviso para estar na sala no horário, pois não se projetava nada além do filme. No dia seguinte necessitou trocar dinheiro. Entra na agência bancária. De onde vem essa nota de cem dólares, indaga a funcionária. Dos Estados Unidos, responde. Não! Estou a indagar onde foi que o senhor comprou o dinheiro, continua ela. Ora, minha senhora, no Brasil não compramos dinheiro, trocamos, responde. Amuada, olha a nota contra a luz, faz que confere, preenche um cupom e lhe passa a quantia correspondente em moeda local.*

## ***Repentista cultural***

*Início de ano letivo. A diretora apresenta a novidade. Um professor chileno que acaba de retornar de doutorado em universidade americana. Que se desdobra em simpatia. A diretora sai. Ele inicia uma aula emportunhol. Diz que já esteve várias vezes no país. Que aprecia carnaval. Que também gosta de futebol. Enrola duas horas e ninguém ouve nada do programa de estatística. Retorna na outra semana repetindo as mesmas piadas. Conversa as mesmas generalidades sobre pesquisa de opinião pública. Repassa novamente o mesmo exemplo. A opinião pública é como se fosse uma sopa de letrinhas, diz. Quando se tira um pouco com a concha, se recolhe uma amostra dela, continua. No fim anuncia, na próxima aula falaremos dos ingredientes de uma boa pesquisa. Provavelmente sal e cebolinha, sussurra um aluno no fim da sala.*

*Na hora seguinte...*



## *Ainda acordo ortográfico*

*No café o turista imaginou que agradava quando, indagado se era brasileiro, decidiu emendar dizendo que agora sim, tudo ia ficar melhor por causa do acordo ortográfico. O que começara bem, ficou bem pior. Não concordo, disse-lhe o nativo com cara feia. O garçom, que trazia o doce que pedira, meteu-se na conversa. Isto tudo é muito mau, falou. O turista, que a partir daí devia era ficar quieto, insistiu dizendo que era melhor um idioma absolutamente igual para todos. Aos locais, que já discutiam nervosamente com o brasileiro, como se este fosse um bandido, somaram-se outros frequentadores do lugar, que usualmente não falavam com ninguém. Por causa da extrema violência em razão da queda de acentos, como da supressão de tremas e alguns hifens, seguiu-se grande tumulto, com mobiliário e utensílios quebrados. Que só teve fim com a chegada de agentes da polícia.*



# Índice

<i>1 hora</i>	9
<i>Arroz queimado</i>	10
<i>Tiros na farinha</i>	11
<i>Ateu</i>	12
<i>A capa do coronel</i>	13
<i>Adeus aos túmulos</i>	14
<i>Estatística no necrotério</i>	15
<i>Esmola para cada pobre</i>	16
<i>Bicicleta da pobre</i>	17
<i>Como a vida humana</i>	18
<i>Defeitos e virtudes</i>	19
<i>Diferença entre um e outro</i>	20
<i>Geometria de dentista</i>	21
<i>Letra e caneta</i>	22
<i>Bolsos de São Francisco</i>	23

<i>Lugar da boca</i>	24
<i>Um risco sob o sol</i>	25
<i>Espelbos</i>	26
<i>Acordar cedo demais</i>	27
<i>Tempo para tudo</i>	28
<i>Cartão de fidelidade</i>	29
<i>Reitores e estações de trem</i>	30
<i>Loucos e picaretas</i>	31
<i>Criatividade</i>	32
<i>Meia e sapato</i>	33
<i>Mães e sogras</i>	34
<i>Metade de zero</i>	35
<i>Viver e sobreviver</i>	36
<i>O preço da paisagem</i>	37
<i>Burrice e teimosia</i>	38
<i>Sintoma da idade</i>	39
<i>Coelbos e tartarugas</i>	40

<i>A idade das damas</i>	41
<i>O melhor barbeiro</i>	42
<i>Serventia de prego</i>	43
<i>Arrogância e hipocrisia</i>	44
<i>Chuvas e goteiras</i>	45
<i>Cerimonial</i>	46
<i>A mesa</i>	47
<i>Furto das ciganas</i>	48
<i>Acordo ortográfico</i>	49
<i>Fenômeno</i>	50
<i>Mamãe não quer mais Gugu</i>	51
<i>Drive in</i>	52
<i>Vigia noturno</i>	53
<i>Inveja e vaidade</i>	54
<i>Propaganda</i>	55
<i>Dona Rica</i>	56
<i>Funerária Boa Morte</i>	57

<i>Pecadores que se danem</i>	<b>58</b>
<i>Bola pro mato</i>	<b>59</b>
<i>Dona Perpétua</i>	<b>60</b>
<i>Contraparente do general</i>	<b>61</b>
<i>Sogra e cunhado</i>	<b>62</b>
<i>Sermão português</i>	<b>63</b>
<i>Maionese</i>	<b>64</b>
<i>Falta de imaginação</i>	<b>65</b>
<i>Proibido fumar</i>	<b>66</b>
<i>O espetáculo inicia-se</i>	<b>67</b>
<i>Repentista cultural</i>	<b>68</b>

### ***Na hora seguinte...***

<i>Acordo ortográfico II</i>	<b>69</b>
------------------------------	-----------







*instituto*<sup>®</sup>  
*damoda*

ISBN 9 788587963659



9 788587 963659